

## Entrevista com Lúcia Salsa Corrêa

Victor Caero Bento e Vitor Wagner Neto de Oliveira<sup>1</sup>

*“Na época em que produzi minha dissertação de mestrado era comum um trabalho de 200 páginas ter 150 só de discussão do método. Os documentos e a narrativa histórica ficavam em segundo plano. Acho que rejeitei isso instintivamente.”*

A historiadora **Lúcia Salsa Corrêa**, professora aposentada da UFMS, narra parte da sua história de vida, ligada a São Paulo, onde nasceu, e a Mato Grosso do Sul, onde escolheu viver e trabalhar. A professora fala da sua formação acadêmica, desde a graduação em Licenciatura e Bacharelado em História na Faculdade de Filosofia e Letras São Bento da PUC-SP, ao mestrado e o doutorado em História Social e Econômica na USP. Conta-nos da sua experiência de trabalho no ensino superior e na pesquisa na UFMS, em um tempo em que fazer pesquisa era ainda mais desafiador em vista da falta de recursos físicos e humanos, daí o destaque na fala de Lúcia Salsa para a parceria com o Valmir Batista Correa e Gilberto Luiz Alves que possibilitou transpor barreiras. Na entrevista concedida ao PET-História via e-mail a professora apresenta a sua produção acadêmica e analisa a historiografia produzida em MT/MS e sobre ambos os estados.

**Pergunta PET:** Professora, fale das suas origens familiares, onde nasceu, como era este lugar.... Conte-nos sobre os seus costumes cotidianos, o trabalho e o modo de vida de seus pais e demais familiares, a fim de entendermos parte de sua história de vida.

**Resposta Lúcia Salsa Corrêa:** *Nasci em São Paulo, capital. Vivi até os 22 anos de idade no bairro da Mooca, reduto de imigrantes italianos, espanhóis e portugueses (nessa ordem de influências locais) e seus descendentes. Convivi muito com a família de meu pai, com avós e tios italianos. Do lado de minha mãe há uma mistura de origens portuguesa, inglesa e alemã. Isso me tornou uma paulistana típica. Meu pai foi operário qualificado da indústria têxtil. Por ter sido uma criança muito levada, foi colocado num colégio interno, o Sagrado Coração de Jesus dos salesianos, para sorte dele. Ali ele frequentou (ficava de castigo) muito a biblioteca e adquiriu uma sólida formação cultural. Por ter que trabalhar para ajudar a família foi fazer um curso de Química de nível técnico e não mais prosseguiu os estudos. Minha mãe, pelo mesmo motivo e por ficar órfã, fez apenas o curso ginásial. Ambos liam muito e tinha muitos livros em casa. Isso me influenciou completamente.*

**PET:** Conte-nos sua trajetória escolar, durante o ensino fundamental e médio, as escolas onde estudou, as matérias que mais gostava e se já tinha interesse pela História.

**Lúcia Salsa:** *Estudei em colégios de freiras até o ginásio. Um professor de português fez a minha cabeça para prosseguir os estudos no Clássico, uma subdivisão do ensino médio que vigorou até 1970. Os três anos do Clássico cursados na escola pública, no Colégio Estadual de São Paulo,*

---

<sup>1</sup> Equipe responsável pela entrevista: Grupo PET-História Conexões de Saberes, da UFMS/CPTL. Responsáveis por esta entrevista: Victor Caero Bento e Vitor Wagner Neto de Oliveira. Entrevista realizada via e-mail.

*mudaram a minha vida e me deram asas para voar. Confesso que nunca fui uma aluna aplicada, mas a formação de casa e os estudos em boas escolas valeram-me muito.*

**PET:** Fale em que momento tomou a decisão de fazer Licenciatura em História na PUC-SP e quais os motivos que a levaram a escolha desta área, em 1969.

**Lúcia Salsa:** *Apaixonei-me pelas Ciências Sociais; afinal eram os anos de 1966-1968. Mas, na hora do vestibular optei pela História que cursei na PUC de São Paulo. Embora tivesse um bom lastro dado pelo colégio estadual, achei que deveria fazer o cursinho e, influenciada por minhas amigas, fui parar no Equipe Vestibulares, no segundo semestre de 1968, onde conheci professores brilhantes e revolucionários. Assim, deu-se outro salto na minha cabeça. Ao entrar na PUC, no dia do trote dos calouros, conheci o Valmir e aconteceu nova mudança nos meus planos de formar-me professora de história e lecionar em escolas públicas em S. Paulo. Vivi nas arcadas da PUC, no prédio velho da rua Monte Alegre, os melhores anos de minha juventude, apesar da ditadura e do clima pesado da repressão.*

**PET:** Conte-nos da experiência de escrever o livro didático *Terra Verde – Estudos Sociais* em 1976, em pleno período da Ditadura Militar. Fale-nos ainda como interpreta essa junção das áreas de História e Geografia na constituição dos Estudos Sociais. Você passou pela experiência de ser professora no primeiro e segundo grau?

**Lúcia Salsa:** *Fui indicada pelo Gilberto Luiz Alves para produzir um livro didático sobre a região de Mato Grosso a ser editado pelo FTD e distribuído nas escolas de todo o estado pela Secretaria de Educação do MT, para o que hoje se chama ensino fundamental. Éramos todos contra a imposição arbitrária dos Estudos Sociais, pelas óbvias razões ideológicas. Houve uma total desvalorização dos campos do saber da História e da Geografia, inclusive reduzindo as aulas semanais dessas áreas nas escolas. Na Universidade tivemos que engolir a mudança goela abaixo e, no Centro de Corumbá, criamos um mecanismo de atrelamento do curso de Estudos Sociais de Licenciatura Curta ao curso de História de Licenciatura Plena, induzindo os alunos a fazer os dois. Assim, o aluno que cursava os 4 semestres de ES no antigo CEUC poderia prosseguir os estudos fazendo mais 4 semestres, diplomando-se em licenciatura plena em História também. Posteriormente, o curso de ES foi extinto e ajudamos a criar a licenciatura plena em Geografia no CEUC. Quanto ao livro didático que editei, a principal motivação foi levar às crianças do estado um conhecimento de história e de geografia regionais, pois todas as escolas de MT usavam livros e textos de história e de geografia do Brasil que jamais mencionavam nosso estado. Mas, a edição demorou a sair e houve a criação do MS, inviabilizando a sua distribuição.*

**PET:** Professora nos conte das razões de sua saída de São Paulo e o porquê de sua vinda para Mato Grosso. O que a fez vir para o Estado? Como se deu a sua inserção na UFMS, em Corumbá, em 1980?

**Lúcia Salsa:** *Foi por casamento. O Valmir já estava lecionando e morando em Corumbá, motivado por problemas com a repressão em S. Paulo. Quando ele veio para MT (em 1971), eu ainda cursava o terceiro ano de História e decidimos aguardar a minha formatura para nos casar e mudar de cidade. Eu imaginava retornar a S. Paulo em pouco tempo, mas foi o meu envolvimento com a universidade e a pesquisa que me convenceram a permanecer em MT, e eu não me arrependi. Quando a universidade se federalizou, as condições de trabalho e os salários deram um bom salto e tornou-se de fato compensador. Meus filhos já haviam nascido em Corumbá (em 1975 e 1978), nossa vida ficou*

*estabilizada. Eu e o Valmir fomos enquadrados na carreira docente federal como professores titulares, em virtude de nosso bom currículo na ocasião. Nós já tínhamos publicações e muitas outras atividades ligadas à educação.*

**PET:** No mestrado em História, concluído em 1980 com a dissertação *Corumbá: um núcleo Comercial na Fronteira de Mato Grosso (1920-1870)*, o seu interesse de pesquisa estava centrado na História econômica e social. Nessa perspectiva, analisou o núcleo urbano de Corumbá e seu desenvolvimento sob o impulso da navegação fluvial e do comércio internacional. Você destacou a Guerra com o Paraguai (1864-1870) e a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em território sul-mato-grossense até Corumbá (1908-1953) como marcos do início e fim do ciclo econômico do comércio que caracterizou o desenvolvimento urbano e comercial de Corumbá. Como chegou a este tema e o que te levou a esta abordagem da História de Mato Grosso?

**Lúcia Salsa:** *Recebi duas grandes influências para escolher e desenvolver o tema do mestrado. De um lado, o trabalho do Valmir que sempre acompanhei; de outro, a orientação excepcional da Dra. Laima Mesgravis, doutora orientadora da área da História Social na USP. O tema inicial era a história das sociedades beneficentes de Corumbá, como o Hospital de Caridade e a sociedade local (influência de minha orientadora), mas ampliei o leque em virtude dos documentos que encontrei durante a pesquisa, na Câmara Municipal e na Associação Comercial de Corumbá. O movimento do porto, desde 1870, me impressionou. A pesquisa documental sempre nos apresenta surpresas e indica novos caminhos, além do projeto inicial.*

**PET:** Em sua tese que foi publicada em 1999 pela editora da UCDB com o título *História e Fronteira: O Sul de Mato Grosso 1870-1920*, você aborda a História Regional e, nela, a questão de Fronteiras a partir da dialética das relações das particularidades com o todo, mostrando as múltiplas implicações do homem e da sua universalidade. Fale-nos um pouco sobre isto, com ênfase para o processo de realização de sua tese.

**Lúcia Salsa:** *Acho importante dizer que neste trabalho amadureci do ponto de vista intelectual e absorvi melhor as influências de minha formação acadêmica. No bacharelado em História, duas linhas teórico-metodológicas me influenciaram bastante: a braudeliana e a marxista. Durante o mestrado, nas atividades teóricas de formação, bebi nas fontes da Nova História; mas creio que, grosso modo, prevaleceu a formação da base dos meus estudos. Centrei a pesquisa nos documentos da cidade, especialmente no arquivo da Câmara Municipal, se é que fosse possível chamar aquilo de arquivo. Era um monte de papel velho e lixo acumulado, sem que ninguém desse importância. Toda a pesquisa que fizemos, o Valmir e eu, por muito tempo foi feita em condições as piores imagináveis e sempre com o nosso bolso, sem apoio nenhum. Mas eu me diverti muito e adorava garimpar documentos históricos e inéditos. Outro fator relevante foi o nosso pioneirismo em pesquisa histórica regional. Éramos muito criticados por alguns colegas, como se fizéssemos pesquisa de segunda linha e com viés positivista. Na verdade, não tínhamos bons interlocutores em Corumbá, mesmo na Universidade, capazes de promover uma produtiva troca de ideias, com exceção do Gilberto Luiz Alves. Entretanto, seguimos a linha de nossos orientadores da USP. O que mais nos preocupou foi sempre estarmos atentos com o que se produzia nos centros mais avançados sobre história do Brasil. Meu livro já tem uma segunda edição, revisada, lançada pela UFMS em 2012.*

**PET:** Ao retomar as pesquisas de mestrado e de doutorado, hoje, é possível delinear as rupturas e continuidades metodológicas e de abordagem entre as duas fases de sua formação acadêmica? Se

possível, quais seriam as continuidades e as rupturas entre os temas desenvolvidos nesses dois momentos de sua vida acadêmica?

**Lúcia Salsa:** *Como adiantei, as bases de minha formação foram Braudel e Marx. Afinal, fiz meu curso de 1969 a 1972 e vivi o clima da época. Quando entrei na USP, recebi a orientação da História Social e os textos básicos foram o de Le Goff e demais historiadores desse grupo. Creio que prevaleceu a formação marxista e braudeliana. Não sinto que, no meu caso específico, houve rupturas, mas um amadurecimento e um desatrelamento das amarras teóricas e ideológicas vigentes. Na época em que produzi minha dissertação de mestrado era comum um trabalho de 200 páginas ter 150 só de discussão do método. Os documentos e a narrativa histórica ficavam em segundo plano. Acho que rejeitei isso instintivamente. Mas quem lê meus escritos percebe claramente quais são seus fundamentos. Reconheço que a formação teórica dos historiadores é imprescindível e creio que em história é preciso articular a narrativa com a interpretação.*

**PET:** Conte-nos sobre as suas experiências como docente na graduação, destacando os marcos de memória na relação com os alunos e com os colegas das Instituições em que atuou.

**Lúcia Salsa:** *Eu lecionei e militei pela História. Sempre procurei passar aos alunos o meu entusiasmo por esse campo de saber e pela sua abordagem científica. Contava aos alunos como eu seguia os passos da pesquisa e procurei relacionar sempre a vida presente e cotidiana com o conteúdo programático de minhas aulas. Eu adorava meus alunos e adorava dar aulas no CEUC. Porém, tive aluno que reclamou que eu fugia do tema de minhas aulas... Fazer o que? Eu acredito até hoje que o papel do docente tem que ser transformador. Mas, é preciso dizer que a nossa clientela chegava à Universidade bem deficiente em termos de conhecimento geral, leituras e redação. Foi preciso fazer um trabalho difícil para ajudar os alunos a romper essas barreiras. Havia poucas oportunidades de leituras, biblioteca deficiente, poucas informações. Não havia ainda a Internet. Além do mais, nossos alunos formados lecionavam em sua maioria nas primeiras séries do ensino fundamental ou eram comerciários. Como incentivá-los a prosseguir os estudos era uma tarefa quase impossível. Mas a gente sempre tentava. Com os colegas, como disse anteriormente, tive poucos interlocutores que exerceram influência sobre meu trabalho em Corumbá. Na verdade éramos três: o Valmir, o Gilberto e eu. Minha satisfação foi grande ao ver alguns dos nossos ex-alunos se tornarem doutores e ingressarem na vida acadêmica com êxito. Por isso, valeu a pena lutar.*

**PET:** A partir da sua experiência como formadora de professores e de pesquisadores em História, e olhando para a vida acadêmica e profissional de seus alunos e colegas, é possível fazer uma avaliação do campo da História no MS, da formação e da atuação profissional?

**Lúcia Salsa:** *Como disse, orgulho-me muito de ter ex-alunos que hoje são doutores e produzem trabalhos de grande qualidade. Poucos, é verdade, mas reconheço que os caminhos da carreira ainda são um funil. Outros não seguiram carreira acadêmica, mas são excelentes professores de ensino fundamental e médio. Creio que eu e o Valmir deixamos uma boa marca nessas gerações que foram nossos alunos e isso é percebido pelo retorno que temos ao reencontrá-los e acompanhar seus trabalhos. O campo da História hoje, nas Universidades do MS, valoriza a história regional para nossa satisfação. Fomos, o Valmir e eu juntos, pioneiros e fizemos um trabalho sólido, objetivando abrir um leque de oportunidades e influenciar novos pesquisadores sobre nossa região. Valorizamos e priorizamos uma influência crítica, incluindo diálogo e discussão criativa e também o contraditório, desde que com fundamento.*

**PET:** Quais os desafios da área do ensino e da pesquisa em História no MT e MS?

**Lúcia Salsa:** *O que se produz com qualidade na pesquisa e nas universidades não chega ainda às escolas de ensino fundamental e médio, sobretudo nos textos didáticos. Ou chega muito pouco. O grande desafio é motivar e requalificar esses professores que não tem muitas condições de estudar continuamente, como é preciso. A pesquisa em ciências humanas em geral ainda é pouco valorizada e tem pouquíssimos recursos. Se compararmos os dois estados, veremos que MT (Cuiabá, sobretudo) tem mais recursos e maior valorização da área. É preciso que os resultados da produção historiográfica regional atinjam a sociedade, os formadores de opinião e administradores e políticos que nos representam, para acabar com essas bobagens de “busca da identidade sul-mato-grossense” e outras vulgaridades e desinformações que permeiam nosso fraco ambiente cultural. Por fim, é preciso encarar o problema de parte da produção recente dos cursos de pós-graduação que apresentam baixa qualidade, que é uma questão geral no país. Existem apenas “bolhas” de alta qualidade em nossa área, dignas de citação.*

**PET:** Até o tempo presente quais temas não foram abordados, ou foram pouco explorados, e que merecem atenção dos pesquisadores em História no MT/MS?

**Lúcia Salsa:** *Creio que tudo vale a pena ser estudado, pesquisado e interpretado em nossa região, desde o período colonial até hoje. A História é sempre presente e possibilita múltiplas abordagens. Não é, portanto, o tema ou a procura de objeto inédito o mais relevante na pesquisa, mas a abordagem inovadora e a produção de um conhecimento novo, uma nova luz sobre antigos temas e problemas. Penso também que a fonte principal de nosso trabalho como historiadores são os documentos, as velhas e boas fontes primárias. Sem isso não há História, apenas reproduções. Assim, no meu entender, todos os “itens” sobre o MS devem ser retomados. Entretanto, hoje o historiador alcança novos objetos em seus estudos e há muito mais para inovar. Memórias e biografias bem trabalhadas e cotejadas com fontes fidedignas sobre pessoas protagonistas estão a merecer mais estudos e publicações, por exemplo.*

**PET:** Qual(is) livro(s) um estudante que se interessa pela História do MT/MS não poderia deixar de ler?

**Lúcia Salsa:** *Além dos textos do Valmir, bem conhecidos como “Coronéis e Bandidos”, temos excelentes publicações de docentes da UFMS e da UFMT. A lista é grande. Quero também chamar a atenção para as recentes publicações do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, mormente sobre a série Memória do Estado do MS. A maioria dos textos republicados é excelente fonte de conhecimento histórico e de pesquisa. A lista também é grande e eu sugiro que todo professor e aluno de nosso campo de conhecimento consultem-na, sem preconceitos. Os Institutos Históricos são menosprezados nas Universidades, mas tem honrosas e meritórias exceções. O pesquisador não pode desmerecer as diversas fontes de conhecimento. Ele deve escolher uma linha, embasar-se teoricamente e fazer uma crítica séria e responsável.*

**PET:** Professora, muito obrigado pela colaboração. Para encerrar, gostaríamos de saber quais são seus planos para o futuro próximo?

**Lúcia Salsa:** *Continuo a produzir, num ritmo mais lento. Participo em coautoria de nova pesquisa do Valmir. Sou voluntária no IHGMS e geralmente faço breves estudos de autores visando a*

*apresentação dos livros raros republicados pelo Instituto. Dou consultorias nas áreas de ensino de História, com foco em História regional e elaboração de projetos de pesquisa. Fui recentemente consultora (em 2013) em educação patrimonial da Fundação J. Barbosa Rodrigues, em parte do Projeto Janelas Culturais do Museu de História do Pantanal (MUHPAN) de Corumbá. E, finalmente, tenho um projeto audacioso de escrever um romance histórico ambientado na história do século XIX de nossa fronteira, sem prazo para começar ou terminar.*

**Respondida via e-mail em 04.02.2015**